

Viriato Gaspar

ONIPRESENÇA
ONIPRESENÇA

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021

A TARDE DESTREATRALIZADA

O que logo faz deflagrar a atenção à leitura dos sonetos inclusos é a perícia com que o Autor faz acionar a corrente comutativa entre os integrantes do estrato sonoro, tornando-os tão gerativos que o teor semântico das unidades sintáticas como que se evapora, restando-nos apenas a intertextura – cartilagem e nervos – do organismo criado.

É de extrema operacionalidade a linguagem de Viriato Gaspar. Interessa-lhe tão-só, na produção lírica, aquilo que funciona, a saber, o que é capaz de direcionar seu concurso ao impulso tectônico subjacente.

De poucos poetas de sua geração se pode dizer que, muito além de uma técnica, dispõem de uma tecnologia, ao molde dos recursos convocados pelo escritor que ora nos ocupa.

A lição de modernidade que mais absorventemente ele assimilou se desdobra contígua à exatidão perceptiva, à eficácia da dicção e à recusa à subjetividade emoliente que permeia os meatos do tédio melodioso.

É assim que sua expressão se revela crispada, cortante, a traír não raro um timbre rouco que emana de estruturas

eletivamente dissonantes, em contraste com a modulação pretensamente “eufônica” do discurso lírico tradicional.

Isso que enseja ao crítico vocacionado para as sutilezas da microanálise um campo ideal de operação, leva, porém, ao exaspero o estudioso que se incline, de preferência, à captação de conteúdos mentáveis oracionalmente, pois o Autor de todo entregue, dir-se-ia, ao vórtice combinatório das células fônicas, numa espécie de ebriedade lúdica, desmancha, um a um, os nós que atam os elos da cadeia discursiva e lança um quase interdito à inteligibilidade.

Presumem-se, especulam-se, intuem-se certas linhas-mestras das ideações introjetadas nos textos, mas precisar, com algum grau de rigor, o que esteve lá, no pensamento do poeta, não haverá ninguém capaz de tal proeza.

Desloca-se sobre o gume do risco – sabe-se – a produção artística de nosso tempo em sua totalidade. A problematização é o seu traço distintivo por excelência.

Vê-se que Viriato Gaspar acha-se em lua-de-mel com tais “conquistas”. É indisfarçável o seu enleio ante a profusão de seteiras de trânsito. Os ditames da arte têm de ser cumpridos a todo transe. Urge ser moderno ou o dilúvio nos tragará.

O virtuosismo, o domínio formal inegável do Autor põe-no a salvo do pecado capital do cultor da palavra escrita – gerar a indiferença.

Nada mais instigante do que uma criação sua.

Tome-se, *verbi gratia*, o soneto de abertura, que propõe o módulo da *t a r d e*, o qual vai reger a órbita do livro inteiro como se fora este um teleguiado.

Salta aos olhos a estruturação firme do lastro sonoro: profusa é a ocorrência de aliterações, coliterações, rimas internas, matrizes consonânticas e vocálicas, interação dos centróides (pesos acentuais), cadências imprevistas etc. Exemplos:

“lacerado em silêncio, cilício”

(Incidência cinco vezes da sibilante surda *S*; três vezes da líquida lateral *L*)

“o mundo move a máquina do dia”

(Reprodução tripla aliterativa da bilabial sonora *M* e dupla da apicodental sonora *D*)

“Inútil perguntar pelas respostas”

(Multiplicação coliterativa da apicodental surda *T*, idem da bilabial surda *P* e da sibilante surda *S*.)

Fácil seria, também, explicitar seqüências de vozes que, por sua alternabilidade, introduzem variações de timbre que dão cor peculiar a cada um dos versos (“uma espécie de coma compulsório”).

No plano dos significados logra-se pinçar uns filamentos de idéias que nos ajudam a compor certa ambiência urbana durante uma tarde domingueira, em que o “Eu” lírico incidentalmente reflete sobre o estilo cronometrado de vida numa

metrópole, cujos movimentos são robotizados e cuja função se resume em servir de dormitório a multidões inquietas, coagidas a um coma quase de animais que repousam de pé.

O primeiro terceto coloca-se, sem dúvida, sob o signo de Cesário Verde. Este ou aquele outro influxo igualmente se fazem notar: Drummond, Jorge de Lima, José Chagas, Fernando Pessoa.

Não é, diga-se logo, uma estória, um relato, que se pede a um poema. Pede-se organização rítmica, travejamento sintático, orquestração esmerada, surpresa inventiva, dinâmica expressional.

Não só este soneto, mas todos os outros que compõem o presente livro exibem à saciedade os valores enumerados, o que torna *ONIPRESENÇA* um dos mais bem realizados conjuntos de criações poéticas vindo a lume ultimamente.

Outras produções que poderiam, de igual passo, ser postas em realce por apresentarem trama sonora de rica contextura são os que se iniciam com os versos: “me pelejo na palavra”, “porão de transversa treva”, “a tarde se espatifa contra o olho”.

Dentre todas, porém, as que gozam de minha preferência, quer pela audácia dos epítetos, quer pela inflexão sardônica sintomática de um espírito crítico alerta, ou pelo ritmo lépido e nervosismo febricitante, são as encimadas pelas linhas:

“não cabe na alvenaria”,
“a janela é um torpedo”,
“o amor é mera morfina”,
“quem ama o que é que ama”,

“onde guardar o que sobra”,
“na tarde de domingo o sol fermenta”
“no muro, a negra suástica”.

Uma influência ganha relevo em coexistência com as já apontadas: é a do grande poeta paraibano, maranhense por adoção, José Chagas. Adepto confesso da sabedoria lírica do extraordinário autor de “Os Canhões do Silêncio”, Viriato Gaspar busca afinar-se pelo diapásão do Mestre, mas o faz com pleno domínio artesanal e autonomia de vôo.

ONIPRESENÇA atende a uma distribuição dos poemas em blocos de cinco sonetinhos (penta- e heptassilábicos), cada bloco preludiado por um soneto regular decassilábico de fatura canônica, estampado entre aspas.

O esquema rímico prima pela sujeição a um padrão de escrupulosa regularidade, sendo poucos os quartetos que não reproduzem o mesmo estalão de rimas.

Há boa variedade acentual, mas vê-se que o balanceamento dos centróides se norteia por um ouvido fino e exigente.

A tematização coincide quase sempre com as tomadas de flagrantes urbanos, notando-se a preocupação do Autor de evitar o mais possível o distanciamento do cotidiano, colocado mesmo ao nível do banal e do frívolo, num posicionamento anti-retórico, anti-histriônico, que lembra Laforgue.

As resistências opostas à descodificação da mensagem de Viriato Gaspar se, por um lado, decorrem da simultaneidade de procedimentos estilísticos que ele põe a atuar, por outro parecem ser um reflexo do sentimento de impotência do

artista da nossa era que, em meio ao “desconcerto” do mundo à sua volta, refluí para as suas câmaras de anestesiamento onde desfruta compensatoriamente de soberania absoluta.

Há fortes indícios, contudo, de que o poeta não se conforma de todo com essa vicariedade uterina e busca onfalicamente restabelecer o trânsito com a vida.

OSWALDINO MARQUES

Brasília, 18.06.1988

ONIPRESENÇA
(1974-2004)

***E-mail:** viriato.gaspar@gmail.com*



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Garamond
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em setembro de 2021.
